

O PROFESSOR DE HISTÓRIA E A PRÓPRIA HISTÓRIA DIANTE DA HISTORIOGRAFIA

Pedro Henrique Pereira – pedro_henriquephp@hotmail.com

RESUMO: A história foi sendo tratada por muito tempo como um estudo de certa forma até “informal”. No século passado houve a corrida arqueológica, onde ricos excêntricos gastavam fortunas através de expedições à procura de joias, artefatos e relíquias milenares. Contudo, não necessariamente havia a necessidade de uma formação histórica para estes sujeitos. A partir da visão de que a história deveria ser levada a sério e estudada em universidades e posteriormente nas escolas, se viu a necessidade de trabalhá-la da melhor forma, e dessa maneira também se criou novos profissionais especializados em ensinar.

Palavras-chave: Historiografia, Educação, História.

Introdução (Problemática e Objetivos)

A educação na atualidade, ou já há vários anos, vem sendo um ponto de debate onde são levados vários critérios e dúvidas. Partindo do pressuposto que há alguns anos a maneira de como a história contada, era de acordo com princípios liberais onde eram citados apenas os personagens influentes, uma historiografia tradicional, ou rankiana onde se priorizava a história contada a partir das elites como: reis, nobres, o alto clero, até mesmo os heróis. Parte da seguinte ideia, “Quem vence, ou quem possui poder, conta a “verdadeira história” e assim será eternizado”.

Em todo momento, os textos relacionados à o que é educação estão voltados sobre como a história e a educação influenciaram diretamente na educação dos homens, buscando até novas práticas pedagógicas a partir da ideia de que ao educar o homem ele não se autodestrói ou destruirá o mundo.

Segundo o autor Carlos Rodrigues Brandão, a educação está presente em todos os lugares, e com qualquer pessoa. Tendo isso em mente, escreve Forquin (1993,p.14) “A cultura é o conteúdo substancial da educação”. Em outras palavras, educação, memória e cultura se determinam completamente, pois uma não pode ser pensada sem a outra.

Finalizando essa parte entre educação e cultura, alguns autores irão entrar com outro argumento, reafirmando sua ideia de que a educação vem falhando há muitos anos. Segundo eles, isto se deve a como a educação era elitizada a principio e que após ser um direito e até

uma obrigação do mundo contemporâneo ainda estamos vivendo o mesmo erro, que ele diz estar relacionado a antigas práticas pedagógicas, pois os professores estão errando ao relacionar o homem moderno diante do velho.

Então, afirmando a desigualdade entre a educação elitizada e a pública, decidiram por fim criar a elaboração de um currículo, especialmente de história, para que de certa forma possa transmitir as “massas” este conhecimento. Vai haver uma diversidade cultural no currículo e conta com o papel da escola juntamente com dinâmica escolar. Essa diretriz LDB (Lei de Diretrizes e Bases) se preocupa com a inclusão da diversidade cultural no currículo de história, por isso os alunos deverão ser capazes de: Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, reconhecer mudanças nas vivências humanas próximas ou distantes no tempo e espaço e principalmente valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo o direito de vários povos e como elemento de fortalecimento da democracia.

Segundo André Chervel (1990) a escola tem um papel duplo “(...) de fato, ela forma não apenas os indivíduos, mas também uma cultura que vem, por sua vez, penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global”(p.184). Portanto a escola é dotada de uma dinâmica própria, de saberes, hábitos, valores e diferentes modos de pensar, chamados de “cultura escolar”.

No âmbito escolar, se tornou obrigação do professor de história se esforçar e ensinar seus alunos unindo os fios do presente e do passado, num processo ativo de desalienação. No entanto pode inconscientemente ou deliberadamente operar o contrário, apenas perpetuando mitos e estereótipos da memória dominante, segundo o texto.

As experiências curriculares contemporâneas em diversos países têm ajudado, demonstrando possibilidades e maneiras de construir currículos de história para a educação verdadeiramente democrática, devemos pensar a partir da ideia de que pelo menos no ensino fundamental a educação parte de um pressuposto totalmente eurocêntrico, uma visão dos colonizadores sobre os colonizados, dos desenvolvidos sobre as nações pobres. Resumindo, ampliando a desigualdade e favorecendo sempre as elites. Portanto a nova Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares traçam diretrizes gerais na qual irá operar a seleção cultural dos conteúdos de história nas diferentes culturas escolares e então a questão: quais histórias ensinar e aprender?

Nas últimas décadas do século XX, elaboraram e implantaram várias propostas curriculares, novos materiais didáticos para repensar as práticas educativas do Brasil. Vale

dizer, que a partir da Escola dos Annales, e a quebra da historiografia rankiana na Europa, houve é claro, uma enorme expansão da história social, principalmente porque agora podiam utilizar outras fontes, como os “populares” e não apenas as elites. Enquanto isso, o Brasil em relação da Europa, teve um início muito tardio, pode-se dizer que a historiografia rankiana não criou raízes muito fortes nas universidades brasileiras, por isso com a nova onda da historiografia social vinda da Europa pode afirmar que o Brasil já se iniciou com essa visão.

Antigamente, as questões que eram debatidas apenas no ensino de graduação, passaram a ser discutido no ensino médio e até fundamental através da iniciativa dos professores que não se contentavam com as práticas dos velhos manuais. No entanto, em primeiro lugar, não basta apenas introduzir novos temas nos currículos, Goodson defende a ideia de que é preciso utilizar novos métodos, pois o professor de história não atua no vazio e aprenda a necessidade dos professores de incorporar no processo de aprendizagem essas novas táticas pedagógicas, utilizando o cinema, a TV, os quadrinhos, a literatura, e os acontecimentos do cotidiano.

Como já afirmado, a formação do sujeito se dá ao longo de sua história de vida, e claro que as ações dos professores estão relacionadas a isso. Isso exige de nós professores, sensibilidade, postura crítica, uma reflexão permanente sobre nossas ações, sobre o cotidiano escolar, no sentido de rever nossos saberes e práticas, pois somos agentes influenciadores e nossos alunos aprendem também através da maneira de como nos portamos.

A história como experiência humana torna-se objeto de investigação do historiador. No final do século XX o estudo da “história” retorna a educação básica, ela nos foi concebida como uma ciência, que busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a de sua sociedade através do tempo e espaço, portanto o estudo a história é essencial para entender esses valores para perceber o movimento e a diversidade, possibilitando a comparação de diferentes grupos e sociedade ao longo do tempo e espaço.

Referencial Teórico (Revisão da literatura)

Como já mencionado acima, a Escola dos Annales, a chamada “nova história” se opôs a história tradicional positivista, ou rankianas e sua nova concepção ampliou as fontes de estudos, passando a utilizar também as fontes orais, audiovisuais e etc. Rapidamente mencionando Marx, a história não é feita apenas por autores individuais, mas também por movimentos sociais, pela classe trabalhadora e militante, portanto a história nova não estuda

apenas os fatos passados de forma linear, mas com referência aos diversos ritmos, tempos e espaços.

Metodologia (materiais e métodos)

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feito, em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica do tema, buscando compreender como o mesmo foi abordado pela historiografia. Em seguida, procede-se à leitura atenta dos livros de teoria da história para compreensão das tendências historiográficas do século XIX e XX.

A partir dos dados coletados, o trabalho se pautou na análise desse material em busca de respostas às questões colocadas, e de um conhecimento sistematizado sobre o tema. Esse acervo documental permitiu um entendimento significativo sobre o período, no que se refere ao ensino da história nestes séculos.

Resultados e discussão

Esta reflexão abre espaço para o diálogo sobre um período importante do ensino da história, contribuindo para evidenciar as rupturas e continuidades historiográficas em relação à tendência do ensino e educação. A análise possibilitou compreender o pensamento dos teóricos sobre o ensino da história no século XIX e sua ruptura com a nova tendência historiografia surgida a partir da escola dos Anales.

Considerações Finais

Como conclusão, essa nova concepção do que é história e a maneira de como ela é e será transmitida nas escolas tem avançado imensamente, e isso se deve a este organismo simples que permite fazer historiografia a partir de qualquer tema ou objeto do nosso cotidiano ampliando também a quantidade de documento histórico. O que impede às vezes a difusão é à maneira de como os grandes feitos são contados a partir dos heróis, pois é o peso tradicional da historiografia e a concepção de pais, alunos e muitos professores, contudo uma única história pode se impor.

Da mesma maneira que encerram estes diferentes textos utilizados como fontes na construção deste artigo, eu encerro com a seguinte frase “Nossa opção historiográfica está intimamente relacionada à nossa postura diante do mundo, do conhecimento e da educação”. De certa forma, tudo tende a se conectar.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação ? São Paulo; Brasiliense, 2007.

Coleção primeiros passos. 20. p. 7-9.

Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/39369244/O-que-e-Educacao-BRANDAO-Carlos-Rodrigues>> Acesso em: 27 ago 2014.

GHIRALDELLI JR, Paulo. O que é Pedagogia? São paulo: Brasiliense, 2006.

Coleção Primeiros Passos, N.193. p;.8-9. Disponível em:
[<https://pt.scribd.com/doc/31343912/Paulo-Ghirdelli-O-que-e-Pedagogia>

Acesso em: 27 ago 2014.

BARROS, José D'Assunção. Teoria da História. Volume I, Princípios e conceitos fundamentais. – 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.